

A CONCORRÊNCIA DAS PREPOSIÇÕES A, EM E PARA NOS USOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM NO ENSINO DAS PREPOSIÇÕES.

Alperi Martins
Sérgio de Moura Menuzzi¹

Resumo: Este artigo discute a concorrência das preposições *a*, *em* e *para* nas regências dos verbos de direção/movimento e de estado nos usos do português brasileiro. Em razão dessa ocorrência na língua, pretende-se abordar os usos dessas preposições nas modalidades da fala e da escrita, buscando nas gramáticas normativas, bem como nas gramáticas atuais, respostas que melhor expliquem esses usos. De acordo com o olhar dessas gramáticas, objetiva-se repensar o ensino das preposições e propor atividades que levem os falantes da língua à consciência e à eficiência desses usos nos diferentes contextos em suas comunicações.

Palavras-chave: concorrência das preposições, português brasileiro, gramáticas.

Introdução

Sabemos que há diferenças em muitos aspectos gramaticais entre o português brasileiro (doravante PB) e o português culto. Em razão disso, a gramática tradicional sempre teve como preocupação corrigir os “erros” dos falantes brasileiros. Isso incluiria certos usos das preposições A, EM e PARA na regência de muitos verbos. Neste artigo, propõe-se abordar apenas os usos com verbos de direção/movimento e de estado desses falantes.

O problema no uso das referidas preposições reside na concorrência entre elas na linguagem oral e escrita. Com isso, pretende-se abordar as possíveis causas que levam os falantes do PB a trocarem as preposições no uso coloquial, e que hoje respondem pelo desuso da preposição A. Para entender este fato na língua, é preciso recorrer ao passado das preposições, suas origens sua evolução histórica, bem como conhecer os usos do português introduzido no Brasil pelos colonos portugueses.

Para entender mais sobre a concorrência, procurar-se-á, neste trabalho, sintetizar o que as gramáticas normativas e as atuais, mais inovadoras, têm a dizer sobre o assunto, e se elas propõem alguma forma de trabalhar esses usos no intuito de esclarecê-los aos falantes.

¹ Professor da 6ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

Com base nesses olhares, pretende-se repensar o ensino atual das preposições, visando propor aqui um conjunto de atividades a serem realizadas em sala de aula, atividades cujo objetivo é levar os alunos/usuários aos usos mais eficientes, partindo-se do pressuposto de que isso acontecerá se ampliarem seu conhecimento sobre usos das preposições nos diferentes tipos de discursos.

1. Os usos das preposições A, EM e PARA no português brasileiro

No PB contemporâneo, ouvimos com frequência frases com os verbos diretivos e verbos estativos regendo duas ou mais preposições nas construções gramaticais. Os verbos como *ir*, por exemplo, podem reger até três preposições, e *chegar*, duas:

- (1) João vai **a** São Paulo.
- (2) João vai **para (pra)** São Paulo.
- (3) Pedro vai **no** bar.
- (4) Maria chegou **à** sala dos professores.
- (5) Maria chegou **na** sala dos professores.

Já o verbo de permanência *ficar*, por exemplo, pode reger duas preposições:

- (6) Os gatos gostam de ficar **ao** sol.
- (7) Os gatos gostam de ficar **no** sol.

A flutuação dessas preposições, segundo a norma gramatical, caracteriza-se como um problema, pois os verbos de movimento diretivo (como *ir*, *vir*, *chegar*, *sair* etc.) deveriam eleger apenas preposições com valores semânticos que encerram uma ideia de deslocamento de um lugar para outro (*para*, *de*, *até*, etc.), e não de movimentação no mesmo lugar (*em*). Já os verbos estativos (como *ficar*, *sentar*, *morar*, *trabalhar* etc.) deveriam selecionar as preposições que expressam uma ideia de situação ou movimento no lugar.

1.1 A Concorrência da preposição A com EM e PARA na linguagem oral

Observando os exemplos de (1) a (7) citados, sob a perspectiva do campo semântico dos verbos citados, podemos notar que em algumas delas o uso das preposições é inadequado, conforme a norma gramatical.

Na oração (1), com o verbo *ir*, a preposição A tem o sentido direção breve, ou seja, [-permanência]. Já na oração (2), a preposição PARA tem o mesmo sentido de direção, porém, exprime uma ideia de [+permanência]. Assim, em (1) quem vai “a” algum lugar permanecerá por pouco tempo, já em (2) quem vai “para” algum lugar, permanecerá por pouco tempo ou não retornará. Em relação à preposição EM, segundo a norma culta, não deve ser usada nas orações com o verbo *ir*, como em (3), e verbo *chegar*, como em (5), pois seu uso é mais adequado em orações com verbos de estado, como em (8), ou de movimento no espaço, como em (9) abaixo:

(8) João está **na** sala.

(9) Maria trabalha **na** cozinha.

Nas orações (6) e (7), o uso da preposição EM com o verbo *ficar* é possível, mas o contexto pede a preposição A, pois “ficar AO sol” e “ficar NO sol” têm sentidos diferentes, ao menos segundo a norma.

Para comparar os usos das preposições na linguagem coloquial, Bagno coletou através do Projeto NURC (Norma Urbana Oral Culta), *corpus* de língua falada nas principais capitais brasileiras e chegou à seguinte conclusão que veremos na tabela (1) abaixo tendo como exemplo a regência do verbo diretivo *ir* com o sentido de (+) ou (-) permanência.

Tabela 1: Concorrência das preposições no sentido (+) e (-) permanência no *corpus* língua falada.

	PREPOSIÇÃO	SEMÂNTICA	Nº	%
+ NORMATIVO	A	- PERMANENCIA	24	57,1
	PARA	+ PERMANÊNCIA	15	42,9
		SUBTOTAL	39	35,4
- NORMATIVO	A	+ PERMANÊNCIA	4	5,6
	PARA	- PERMANENCIA	44	38,9
	EM	- PERMANENCIA	23	20,3
		SUBTOTAL	71	64,5
		TOTAL	110	100,0

(BAGNO, 2010:143).

Podemos notar na tabela, que o uso da preposição A com o sentido de [-permanência] é mais predominante na norma culta (+ normativo), mas na linguagem informal ela concorre com a preposição PARA e em seguida com a preposição EM (- normativo).

1.2 A Concorrência da preposição A com EM e PARA na linguagem escrita

Na linguagem escrita, conforme o conhecimento do usuário da língua pode haver concorrência, ou não. Assim, nesta modalidade, a oração supracitada (1) está adequada, segundo a norma gramatical. Já orações como (2), de acordo com a mesma norma, são possíveis, desde que PARA tenha o sentido [+ permanência]. Podemos conferir a concorrência em outra tabela (2) abaixo, da mesma pesquisa de Bagno no *corpus* na língua escrita com o verbo de direção ir com sentido de (+) ou (-) permanência.

Tabela 2. Concorrência das preposições A e PARA na língua escrita.

VERBO	TIPO	QUANTIDADE	%
IR	+ PADRÃO	17	94,4
	-PADRÃO	1	5,6
	TOTAL	18	100,0

(BAGNO, 2010:144).

Na tabela, o tipo [+ padrão] representa o uso da preposição A e o tipo [- padrão] representa o uso da preposição PARA. Percebe-se que no *corpus* de língua escrita, o uso da preposição A segue a norma culta, ou seja, [+ padrão]. Isso varia de um falante para outro, pois é possível haver troca de A por PARA (o que é mais frequente) e por EM se o falante desconhecer os sentidos semânticos dessas preposições em relação aos termos no contexto.

Conforme vimos, há diferenças de usos das preposições nas duas modalidades. É como se houvesse uma "contradição" na língua, pois os falantes do PB empregam preposições com sentidos que, segundo a norma culta, não "se subordinam" ao dos verbos regentes e, ao mesmo tempo, nas produções textuais, usam preposições de acordo com esses sentidos. Isso se deve ao fato de os falantes conhecerem as diferentes situações comunicativas. Assim, no uso coloquial, não há, normalmente, controle das regras gramaticais normativas; por isso, é mais usual a preposição PARA, seguida pela preposição EM no verbo *ir* com sentido de [- permanência]. Já na escrita, há o predomínio de A na regência dos referidos verbos. Esse monitoramento na escrita reflete o ensino de caráter normativo nas escolas, nos cursos de Letras e cursos para concursos em geral que se concentram na "correção" dos usos da crase e das regências verbais, porém, sem trabalhar a concorrência das preposições na língua falada.

2. Da origem das preposições aos dias atuais

As preposições A, EM e PARA do português corrente tiveram origem no latim. Na época do Império Romano, as formas correspondentes a essas preposições tinham sentidos diferentes. No português atual as preposições são a única marca de subordinação do termo regido; no latim clássico, segundo Napoleão Mendes de Almeida (2005:144), a subordinação de um termo regido era indicada pelos casos nominais e podia ser adicionalmente especificada por uma preposição; quando um termo era regido por meio de uma preposição, podia ter esta regência marcada pelos casos acusativo e ablativo, com possível diferença de significado quando a preposição admitia os dois casos.

A preposição atual A, segundo o dicionário Houaiss (2009), veio da preposição latina AD em 850 d.C, e regia o caso acusativo – o caso que também marcava, em latim, o objeto direto regido por um verbo transitivo. Os verbos intransitivos latinos que exprimem movimento ou direção regiam, por meio da preposição AD, o termo que expressa a direção ou o lugar atingido pelo movimento, como se vê nos seguintes exemplos de Valente (1952:141):

Currere ad curiam. (“Correr para a cúria”)

Ad bellum proficisci. (“Marchar para a guerra”)

Já a preposição atual EM originou-se de IN em 1152 (Houaiss,2009), que segundo Napoleão, no latim regia ora acusativo, ora ablativo. Este último equivalia aos adjuntos. Também era empregada com verbos de movimento, e neste caso se traduz por *a, para, contra*; como a preposição AD, regia com acusativo os termos que expressam a direção ou o lugar atingido pelo movimento.

Eo in urbem. (“Vou à cidade.”)

In Italiam proficisci. (“Partir para a Itália.”)

IN regia o ablativo não apenas quando o termo era um adjunto locativo, mas também quando empregada com os verbos que indicam permanência ou movimento circunscrito; neste caso, o IN se traduz por EM:

Sum in urbem. (“Estou na cidade.”)

Ambulare in agris. (“Passear nos campos.”)

Como na maioria das sociedades que são estratificadas socialmente e que desenvolveram uma tradição cultural escrita, também na sociedade latina era possível

identificar, em termos gerais, duas variedades de língua. Havia a “variedade formal”, o chamado “latim clássico”, que, segundo Coutinho (1969:29), se caracterizava por ser “uma língua artificial, rígida e imota” – caráter que uma língua de prestígio costuma adquirir quando deixa de ser “a língua da elite” para se tornar “a norma padronizada da escrita”. E havia, também, uma variedade “popular”, chamado de “latim vulgar”, ao qual Coutinho se refere como a língua falada pelas classes inferiores da sociedade romana, que incluíam soldados, marinheiros, artesãos, sapateiros, artistas de circo, homens livres e escravos – enfim, todos os que não tinham acesso aos estudos do latim clássico e, por isso, tinham dificuldades de compreender e usar as regras da gramática latina.

O que se pode depreender daí é que desde os tempos do latim já havia uma concorrência entre as preposições A e EM. Conforme Bagno (2010:141), “não havia uma separação rígida entre as funções das duas, e ambas podiam indicar tanto o repouso, a localização, quanto o movimento, a direção”.

As diferenças entre o latim clássico e o vulgar se intensificaram com o abandono do primeiro logo após a queda do Império Romano – e o conseqüente desaparecimento das classes que comandavam o Império, bem como da sociedade que lhes atribuíra prestígio e lhes conservava a cultura. A língua popular, por outro lado, era falada pela grande massa da população de todo o Império: daí a permanência e a expansão do latim vulgar até a transição deste para as línguas neolatinas.

2.1 Os usos das preposições na transição do latim para as línguas neolatinas

O desaparecimento do latim clássico, motivado pela queda do Império Romano e pelos fatos linguísticos como desaparecimento dos casos latinos e a redução das declinações, além de processos de metaplasmos e gramaticalização na língua, como observa Coutinho (1969:30), levou a língua latina a um processo da qual, eventualmente, surgiram as línguas neolatinas, entre elas o português. E ao longo desses processos surgiu a preposição PARA, no século XIII, a partir da preposição portuguesa arcaica PERA, esta, uma evolução do latim PER (por) + AD (a). Com isso, a preposição PARA passa a ser a outra preposição que concorre com A.

Durante a constituição da norma-padrão clássica literária do português, houve uma tentativa de delimitar o uso das preposições concorrentes: conforme Bagno (2010:141-142), “tentou-se reservar a preposição A para indicar movimento, direção, destino, enquanto a

preposição EM ficaria reservada para indicar repouso, situação, localização”. Mas, como observa Bagno, mesmo entre os autores do período clássico (a partir do século XVI) ainda se verifica a flutuação no uso das duas preposições. Ele cita exemplos encontrados numa mesma obra de João de Barros (1497-1570), *A Crônica do imperador Clarimundo*:

“...era vindo *nesta* terra”
“...depois que Carfel, e Arquilo forão *na* pousada com todas as cousas...”
“...levarão-no todos aquellos Senhores *à* pousada”

Da mesma forma, no maior poema épico da língua portuguesa, *Os Lusíadas* (1580), de Camões, a preposição EM é empregada com o sentido de movimento:

“*Nalgum* porto seguro de verdade, conduzir-nos, já agora, determina” (II 32).
“Triste ventura e negro fado os chama, *nesto* terreno meu [...]” (V, 46).

Como podemos ver as dificuldades no uso das preposições pelos falantes portugueses continuaram mesmo com transição do português arcaico para o clássico. Boa parte desses portugueses foi para as terras colonizadas, entre elas o Brasil, onde implantaram a sua língua que não era o português clássico:

A língua trazida para as colônias portuguesas não foi a norma literária relatinizada, que só uma ínfima parcela escolarizada da população conhecia e utilizava, mas sim a língua falada pelo povo, nas quais as formas arcaicas não tinham sofrido alteração e continuavam a ser usadas. Assim se explica o fato de até hoje a imensa maioria da população brasileira usar a preposição EM com os verbos *ir*, *chegar*, *vir* e outros com ideia de movimento. (BAGNO,2010:142)

Essa concorrência nos usos dos falantes responde, hoje, pelo desaparecimento progressivo da preposição A frente às outras no PB. Segundo Bagno (2011:867), duas preposições convivem juntas até que uma passa a ser mais usual entre os falantes, resultando daí o desaparecimento da preposição mais antiga (A).

A concorrência de A com PARA ocorre pelo fato de que PARA, na maioria das variedades linguísticas do PB, passou a ser a forma preferida nas chamadas construções dativas (*que acionam um objeto indireto*) e nas construções que exprimem movimento/direção (*que acionam adjuntos adverbiais*) – quando A(D) era a única forma disponível.

De modo semelhante, vê-se o declínio do A diante de EM em combinações que antes seriam privativas de A(D), do tipo “falar *no* telefone” (em lugar de “falar *ao* telefone”),

“sentar *na* mesa” (em lugar de “sentar *à* mesa”), “ficar *na* janela” (em lugar de “ficar *à* janela”), “escrever *no* computador” (em lugar de “escrever *ao* computador”). Esse declínio frente às demais preposições não é recente. Na verdade, desde século XIX a preposição A vem sendo substituída, conforme podemos conferir na pesquisa de Berlinck (1997, 2000a, 2000b), citada por Castilho (2010:591). Comparando o PB do século XIX com o PB moderno, tal como documentado em textos de Martins Pena, Simões Lopes Neto e em anúncios de jornais, percebe-se o desuso progressivo de A:

Tabela 3: O desuso da preposição A na pesquisa de Berlinck.

Época/preposição	A	PARA	EM
PB séc. XIX	72%	20%	8%
PB contemporâneo	4%	74%	22%

O desuso da preposição A no uso coloquial é quase definitivo se comparando com o uso na escrita, pois alguns falantes desconhecem o seu uso conforme o contexto. Isso porque a gramática tradicional propõe uma versão normativa para o ensino das preposições. Além disso, ela não trabalha as diferenças sistemáticas que há entre a norma escrita e a língua oral. Sua ênfase centra-se nos “usos corretos” e apenas na escrita, distanciando-se da realidade dos usos das preposições no PB.

3. A concorrência das preposições na visão das gramáticas

Após conhecer a origem da concorrência das preposições, abordaremos esse fenômeno linguístico no PB nas perspectivas das gramáticas normativas e contemporâneas, com o intuito de saber se há alguma preocupação quanto aos usos pelos falantes do PB. Ou seja, o que pensam, explicam e propõem os gramáticos em relação aos usos das preposições no ensino?

3.1 O uso da preposição na visão da gramática normativa

A gramática normativa tem como preocupação no ensino das preposições o seu “uso correto” pelos usuários da língua. Isso significa que as diferenças entre a norma e o uso coloquial levam-na a considerar que o este uso incorre em “erro”; logo, um desvio da língua a ser corrigido. Contudo, a apresentação das preposições nessa gramática é sempre repetida, superficial, pois o foco está no uso correto da crase e num pequeno conjunto de verbos cuja regência os gramáticos presumem ser de particular importância – incluindo a famigerada

distinção entre *assistir alguém* e *assistir a algo*. Estes conteúdos preferidos pelos gramáticos normativos pouco se relacionam com as diferenças mais frequentes e sistemáticas entre o que a norma não preconiza e o uso dos falantes – por exemplo, a concorrência entre A, EM e PARA. Mas, ainda assim, é possível encontrar algumas observações neste sentido.

Napoleão Mendes de Almeida, na sua *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* (1967), não aborda a concorrência das preposições, mas recomenda que o aluno fique atento aos erros nos usos das preposições, entre as quais A, EM e PARA:

- A preposição *A* tanto pode indicar quietação, estado num lugar, como movimento para um lugar.
- Tem a preposição *PARA* emprego muitas vezes idêntico ao da preposição *A*. Com os verbos *ir* e *vir*, a preposição *A* denota transitoriedade de movimento, ao passo que *PARA* indica permanência ou destino.
- Não devemos usar a preposição *EM* com verbos de movimento, porquanto *EM* indica lugar onde.
- Deve-se construir “Moro à rua Tal” e não “Moro na rua Tal”; segundo Napoleão, “morar na rua Tal” teria o sentido de morar “no meio” da rua.

Nessa gramática, o autor aborda os usos num tom imperativo (“não devemos usar...”, “não se deve empregar...”, “deve-se dizer...”); entretanto, ele não procura explicar os erros nos usos dos falantes. Em relação aos verbos que elegem as preposições de modo idiossincrático – isto é, independentemente do significado da preposição –, reconhece:

as preposições sem eles não tem significação intrínseca, própria, mas relativa, dependente do verbo com que são empregadas, [...] só o trato constante dos bons autores nos pode habituar ao manejo correto, vívido dessas importantes partículas (NAPOLEÃO DE ALMEIDA, 1967:307)

Percebe-se que a gramática de Napoleão é mais centrada nos desvios dos usos do que nas motivações que levam os falantes a esses usos.

Cunha e Cintra apresentam uma abordagem próxima à de Napoleão, ainda que menos "conservadora" em sua formulação. Em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2010), os autores enfatizam mais as relações sintáticas das preposições com os termos. Segundo os autores, é possível estabelecer para cada preposição uma significação básica marcada pelas expressões de movimento e situação. Assim, no exemplo dos autores, o objeto indireto, em geral, é introduzido pelas preposições A ou PARA, correspondendo a um “movimento em direção a” coincidente com a base significativa dessas preposições (2010: 573).

Ainda que apresentem uma formulação mais atualizada e "neutra" do que a de Napoleão, não há nessa gramática uma discussão da concorrência entre as preposições, nem do fato de que esta concorrência tem raízes na história do português.

Rocha Lima, é outro gramático com preocupações normativas, porém oferece um tratamento um pouco mais esclarecido das preposições em sua *Gramática Normativa do Português* (1998). Embora sem muita profundidade, Rocha Lima se propôs a comentar o uso das preposições à época do latim como a causa da concorrência de A com EM no português:

o IN com o acusativo foi substituído, na maioria dos casos, por AD [...] [T]al fato tem progredido cada vez mais na língua literária moderna, o que atesta ser o português, assim como o espanhol, um dos idiomas românicos mais seguramente etimológicos no emprego das preposições EM e A. (ROCHA LIMA, 1998: 372).

Segundo o que se vê nas abordagens desses gramáticos, não há muita diferença de um para outro; na verdade, há quase que uma "cópia" da organização e do conteúdo relativo ao estudo das preposições. Com isso, este estudo se torna desatualizado e cada vez mais distante da realidade do PB atual.

3.2 Uma visão mais realista da Gramática

Cientes dos fatos linguísticos no PB atual, alguns gramáticos contemporâneos propõem em suas gramáticas mudanças no ensino das preposições, visando conscientizar os usuários da língua os diferentes usos das preposições em diferentes situações comunicativas.

Maria Helena de Moura Neves, na sua *Gramática de Usos do Português* (2011), propõe um trabalho centrado nos usos dos falantes do português em todos os níveis de ocorrências, que vão da literatura romanesca até textos jornalísticos. Segundo a autora (2011:13), é no "uso" que diferentes itens assumem seus significados e adquirem sua função em relação ao texto. Com isso, a autora aborda os usos das preposições nas diferentes relações com os verbos. Tais relações abordadas pela autora na apresentação de cada preposição, seguidas de exemplos que justificam a função das preposições como introdutora de complementos para estabelecer relações de sentidos entre os verbos e o termo regido.

Em relação às preposições em discussão, embora Neves não comente, pode-se perceber que no uso coloquial há substituição de A por outras preposições se observarmos a extensa lista de verbos de diferentes classes que a autora apresenta na sua obra. Um exemplo disso é o

uso de A como introdutora de complementos locativos com verbos [+dinâmicos] indicando mudança de lugar (direção). Com tais verbos, parece-nos que a preposição A ocorre mais na língua escrita. Eis um exemplo:

Suplicou-me que fizesse um pouco de sala a sua excelência, e conduzindo-me a um canto, perguntou...

Na língua falada, nesse contexto, a preposição A concorre com PARA.

Com os verbos [- dinâmicos], que indicam situação, segundo Neves (2011:613), a preposição A, na escrita, equivale a EM; mas, no uso coloquial, a preposição EM (ou seja, NA) é mais frequente. Exemplo:

O que está à nossa frente, é o retrato contrário ao que enxergamos.

Embora não aborde a concorrência das preposições nos usos dos falantes do PB, a proposta da autora é bastante significativa para trabalhar as relações de sentido das preposições com os verbos.

Ataliba Teixeira de Castilho, na sua recente obra *Nova Gramática do Português Brasileiro* (2010), centra o seu estudo nos usos das preposições no PB, pois reconhece que há dificuldades nos usos das preposições em discussão pelos falantes brasileiros.

Nessa gramática, Castilho explica que a substituição de A por PARA é um resultado da regramaticalização, pois A veio de AD, que fora reforçada por outra preposição latina PER, surgindo daí PERAD, da qual virá a preposição PERA do português arcaico. Com isso, segundo o autor, o desaparecimento progressivo de A deve explicar as dificuldades atuais dos falantes brasileiros em relação ao emprego da crase e à regência de verbos transitivos indiretos como *assistir a, obedecer a*, etc., que na língua falada são usados transitivamente; e verbos como *responder a, pedir a*, com os quais A é substituída por PARA.

Quanto aos usos no ensino das preposições, o autor propõe os seguintes estudos:

1. Sintaxe: segundo o autor (2010:593), é importante ater-se às classes dos verbos porque é de acordo com sua natureza semântica que podemos descrever os enunciados. São elas: verbos de movimento/direção, de transferência, de comunicação, de criação, de complemento final, de aproximação e outros verbos sem classe definida pelo autor, como *morar, ficar, estar, etc.*, que a gramática tradicional define como verbo de estado. Neste trabalho, se enquadram os verbos de movimento/direção (*ir, vir, chegar, sair, etc.*); e os verbos com sentido de estado (*morar, ficar, assistir, sentar, etc.*).

2. Semântica das preposições: o sentido básico das preposições é o de localizar no espaço ou no tempo os termos que elas ligam, atribuindo-lhes propriedades semânticas Castilho (2010:584). Esses termos são referidos pelo autor como “figura” (sujeito), termo a ser localizado pelas preposições; e “ponto de referência” (consequente), termo pelo qual se localiza a figura. No caso das preposições discutidas neste trabalho, interessa conhecer seus usos em dois eixos:

a) Eixo Horizontal: As preposições que se enquadram neste eixo dispõem a “figura” em pontos específicos de um percurso. Esse eixo implica uma imagem de percurso, de deslocamento, assinalado pelos traços *ponto inicial* (*de, desde, a partir de*), *ponto medial* (*por, no meio de*) e *ponto final* (*a, para, até, em, contra*). Um exemplo, o das preposições que atribuem ao ponto de referência o significado de "ponto final", quando selecionadas por verbos de direção/movimento:

Ex. *João foi ao/até o mercado.*

O termo *João* representa a figura. O termo *mercado* representa o ponto final do percurso do verbo *ir*. As preposições A ou ATÉ indicam que a figura localiza-se no ponto final de um percurso, e este ponto é o "ponto de referência" expresso por *mercado*.

b) Eixo das Relações de Continente/Conteúdo: as preposições que se enquadram neste eixo localizam a “figura” com respeito ao “ponto de referência” por meio das relações "dentro" e "fora". Para explicar esse uso, podemos citar como exemplo o verbo *morar*, que estabelece a relação "dentro":

Ex. *Maria mora em Porto Alegre.*

Maria é representa o termo figura, ou seja, o conteúdo. *Porto Alegre* é o ponto de referência, ou seja, o continente. A preposição EM funciona como uma preposição que completa o sentido de estado/permanência do verbo *morar*.

O estudo das classes dos verbos e dos eixos espaciais, sob a ótica de Castilho, permite-nos interpretar melhor os usos das preposições: por exemplo, *ir* é uma ação de movimento *em direção a uma meta*, mas não se refere ao ingresso ou não do objeto deslocado na meta; por isso, a preposição é A ou PARA; *entrar* também envolve deslocamento para uma meta, mas a ação denotada inclui também o ingresso do objeto deslocado para *dentro* da meta – por isso, a preposição é EM.

Marcos Bagno, na sua recente obra *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* (2011), também apresenta uma abordagem inovadora para o ensino das preposições. Da mesma forma que Castilho, o autor questiona os conflitos nos usos das preposições, como também discorre sobre os processos de mudança pelos quais as preposições passaram, buscando explicar o fenômeno concorrência nos usos dos falantes brasileiros.

Para trabalhar esses usos na prática, Bagno propõe em outra obra, *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa* (2010), uma pesquisa baseada na observação dos usos das preposições. Através da coleta de ocorrências de preposições na língua falada e escrita, os alunos devem observar os usos com os verbos como *ir* e *chegar* na linguagem informal e compará-los com os usos na linguagem escrita, buscando responder às questões como: *Quais usos você considera mais “normais” no seu cotidiano? Quais os usos mais frequentes nos jornais?*

Para mostrar exemplos de pesquisas, o autor apresenta, nas duas obras citadas, resultados de uma pesquisa realizada por ele em 2001 através de um *corpus* de língua falada composto por dez inquéritos do projeto NURC. Os resultados são aqueles que reportamos na tabela 1 acima (ver seção 1, subitem 1.1): nela, podemos constatar, por exemplo, que a concorrência de A com PARA é predominante com verbos diretivos (seja com + ou – permanência). Esse recurso possibilita chamar a atenção dos alunos/usuários para as possibilidades de usos em diferentes situações comunicativas.

Conforme vimos, as abordagens dos gramáticos contemporâneos sugerem caminhos pelos quais podemos renovar os estudos das preposições e propor um ensino mais voltado para realidade dos falantes do PB – ensino que não encontramos na gramática tradicional.

4. Usos das preposições no PB: uma proposta de ensino

Com base no que foi visto nas apresentações das gramáticas normativas e contemporânea, propõe-se aqui a propor algumas atividades que façam parte dos planejamentos de aulas do professor. Atividades que promovam uma eficiência nos usos das preposições pelos alunos no seu cotidiano. Propomos, então, algumas dessas atividades, que devem ser ministradas para as turmas da 7ª série do Ensino Fundamental. Especificamente, propomos estas atividades no contexto de uma sequência de três aulas.

1ª aula – 2 períodos

Assunto: A concorrência das preposições nas regências dos verbos.

Objetivo geral: Conhecer e identificar os diferentes usos das preposições nos textos e seus problemas.

Objetivos específicos:

- Conhecer as preposições mais usadas pelos falantes em diferentes contextos;
- Identificar entre elas a concorrência nesses contextos;
- Discutir e explicar a concorrência das preposições nos usos do português.

Recursos didáticos: textos para identificar e trabalhar as preposições.

Metodologia: 1º período – 50min: o professor propõe aos seus alunos um desafio, isto é, uma atividade sem consulta. O objetivo é avaliar o que os alunos entendem sobre as preposições e como as usam. Para isso, os alunos devem ler o texto abaixo e completar as lacunas com as preposições que julgarem adequadas. Conforme as preposições escolhidas pelos alunos, o texto poderá deixar de ser formal e representar a linguagem coloquial.

Como escolher entre o emprego público e o privado?

Quais as características principais de cada um dos setores e o que o profissional deve avaliar antes de decidir.

Por Maria Amélia Vargas

Estabilidade e segurança financeira ou o desafio diário ____ busca do sucesso profissional? As diferenças entre a carreira pública e a privada começam na forma de seleção e se estendem ____ rotinas de trabalho. Antes de decidir qual caminho seguir, entretanto, é necessário avaliar prós e contras, além de analisar qual das duas opções se adapta melhor ____ sua personalidade.

Pessoas com perfil muito arrojado, proativo e competitivo correm risco de se frustrar no serviço estatal, adverte Lilian Dulce Gerhardt, supervisora de Recursos Humanos da Metta Capital Humano. – Há profissionais que são extremamente criativos e voltados ____ resultados. Colocá-los em uma atividade rotineira e sem possibilidades de crescimento vai deixá-lo desmotivado – analisa Lilian.

As possibilidades de crescimento são mais rápidas no setor privado. Em contrapartida, o risco de ser substituído também aumenta. Para quem quer segurança, o trabalho público oferece a possibilidade de conquistar a garantia do emprego até a aposentadoria ____ quem for aprovado em concurso. O plano de carreira ____ esse funcionário, quando há, tem ritmo mais lento. Em compensação, os salários iniciais costumam ser mais atrativos e a seleção, de modo geral, é mais democrática: aceita homem ou mulher, iniciante ou experiente, jovem ou mais velho, desde que seja aprovado. Para se dar bem nessa área, é necessário ser uma pessoa resiliente e capaz de lidar bem com as questões hierárquicas: – O profissional não vai chegar ____ concurso dos sonhos em um período curto. Mesmo depois de assumir, precisará de constância de propósito para se destacar e provar que merece conquistar gratificações – destaca Liliane Carrier Sarturi, gerente regional da rede de cursos LFG-RS.

Trechos da matéria do caderno de Emprego da Zero Hora Dominical, 25/08/2012.

Após atividade, os alunos devem apresentar as preposições escolhidas por eles para serem registradas em uma tabela (ver (1) a seguir) montada pelo professor. Preenchida a tabela, o professor a reserva para o 2º período da aula.

Para a atividade seguinte, o professor distribui o mesmo texto, porém com as lacunas preenchidas com as preposições conforme o texto original e as registra na tabela (ver (2) a seguir), com o auxílio dos alunos.

Tabela 1

Preposições	Nº ocorrências

Tabela 2

Preposições	Nº ocorrências

Tabela 1: respostas da primeira atividade (texto sem as preposições).

Tabela 2: respostas da segunda atividade (texto com as preposições).

2º período – 50min.: Após a montagem e preenchimento das tabelas, o professor poderá propor um debate sobre os resultados, com as seguintes questões:

1. Em cada tabela, quais são as preposições encontradas? 2. Em quais tabelas há predomínio das preposições A, EM e PARA? 3. Em relação ao preenchimento que você fez das lacunas, procure dizer por que você escolheu cada uma das preposições? 4. Comparando as duas tabelas, quais as preposições que são concorrentes entre si? 5. Qual é a preposição que é mais "substituída" por outras?

A cada resposta da turma, caberá ao professor explicar os usos das preposições, bem como a concorrência entre elas; ele deverá, especialmente, chamar a atenção para as diferenças de “registro” – formal e informal. Por exemplo, na discussão da questão 3, o professor poderá explicar que as preposições escolhidas pelos alunos (provavelmente) representam os usos das preposições na linguagem coloquial, e a partir daí ele poderá também comparar essa linguagem com a linguagem formal caracterizada pelos usos no texto original.

O professor poderá ainda complementar este estudo e, especialmente, a questão da escolha das preposições de acordo com o "tipo de linguagem" por meio de exibição de um vídeo que pode ser encontrado no *link* abaixo, que contém uma entrevista do gramático Evanildo Bechara com duração até aproximadamente 4’.

<http://youtu.be/LUQFzMIGKo0>

Os alunos devem prestar a atenção aos usos da preposição A que Bechara seleciona para usar com os verbos *mostrar*, *impor*, *oferecer*, *agradecer*, *ensinar*, etc. Após a exibição da entrevista, o professor pode perguntar aos alunos:

1. Que tipo de linguagem o gramático usou na entrevista?
2. Quais as preposições seriam empregadas pelos falantes brasileiros na linguagem coloquial?

Atividades de casa: Para dar continuidade ao que foi estudado na aula, o professor pode propor aos alunos que recolham as ocorrências de usos das preposições nas interações comunicativas no seu cotidiano e as registrem no caderno. Para compará-las com a linguagem formal, os alunos devem assistir a telejornais, documentários, etc. e também passar as ocorrências que perceberem nestes meios para o caderno. Tendo constituído este corpus da língua falada em diferentes contextos, eles devem então montar tabelas como as que foram feitas na aula e analisar os usos das preposições respondendo às mesmas perguntas levantadas na aula. As respostas devem ser apresentadas à turma na próxima aula

2ª aula - 2 períodos

Assunto: classes semânticas dos verbos e escolha das preposições.

Objetivo Geral: Conhecer as relações semânticas entre os verbos e as preposições.

Objetivos específicos:

- Conhecer quais os sentidos dos verbos que selecionam quais preposições;
- Perceber que a seleção das preposições depende das relações de sentido entre preposição e o termo (verbo) que a rege.

Recursos didáticos: Power Point, computador e dicionários eletrônicos.

Metodologia: 1 período – 50min: Antes de iniciar a aula, os alunos poderão fazer uma breve apresentação e discussão (10 minutos) sobre os resultados da atividade de casa proposta na aula anterior. Para eles, será uma oportunidade de conhecer mais sobre os usos, e para o professor, uma forma de avaliar o conhecimento da turma até este ponto.

Encerrado o debate, o professor inicia a terceira aula com o tema: classes semânticas dos verbos. Essa aula deverá acontecer no laboratório de informática na escola (se houver), equipado com projetor de multimídia e com computadores. Através dos slides, os alunos conhecerão as diferentes classes de verbos. São eles: movimento/direção, de transferência, de comunicação, de criação/produção, de complemento final, de aproximação, bem como outros verbos sem definição. A cada verbo, o professor deverá apresentar exemplos, explicar os seus sentidos conforme os contextos e apontar como estes sentidos exigem preposições coerentes com eles – o que permitirá esclarecer de modo mais direto os sentidos de cada preposição. A seguir, o professor pode fazer uma atividade em que os alunos utilizarão estes conhecimentos e, simultaneamente, poderão "treinar" a busca de verbos por transitividade nos dicionários. O professor pede aos alunos que se agrupem em duplas e façam o seguinte:

- Cada dupla deve pesquisar em dicionários eletrônicos (Aurélio ou Houaiss) instalados nos computadores dois verbos de cada classe apresentada nos slides nos usos das transitividades indiretas.
- Após a seleção dos verbos, os alunos deverão prestar a atenção, nos exemplos fornecidos pelos dicionários para os verbos pesquisados, quais as preposições mais selecionadas por eles; esta seleção deve ser registrada em uma folha de caderno.
- Encerrada a atividade de pesquisa, as duplas apresentam seus resultados aos colegas, procurando explicar os sentidos dos verbos e as escolhas das preposições por eles, de acordo com o que fora previamente apresentado pelo professor.

Esta atividade permitirá ao professor avaliar o grau de compreensão dos alunos para que ele possa propor um desafio no segundo período da aula.

2º período – 50 min: O professor poderá fazer uma breve recapitulação (10 minutos) da aula anterior, apresentando um estudo breve das preposições mais comuns do português – incluindo as que foram estudadas até este ponto – e explicar os sentidos que elas estabelecem entre os termos (o verbo e o substantivo que regem). Após essa introdução, chega o momento em que os alunos farão (em dupla) a seguinte atividade:

1. Observe as duas colunas abaixo, à esquerda alguns verbos e à direita algumas preposições.

IR	
SENTAR	
FICAR	
SAIR	
GOSTAR	
OFERECER	
PEDIR	
TELEFONAR	
RESPONDER	
AGRADECER	
	A
	DE
	COM
	EM
	PARA
	POR

2. Com uma linha reta, relacione os verbos com as preposições e construa maior número possível de orações.
3. Após a elaboração das orações, responda às seguintes perguntas:
 - a) Qual é o sentido dos verbos?
 - b) Quais as preposições que eles podem selecionar e em que contexto?
 - c) Explique o sentido semântico que a preposição estabelece entre o verbo e o termo regido.
 - d) Quais os verbos que motivam a concorrência entre as preposições e em que linguagem isso ocorre?
 - e) em quais seleções dos verbos a preposição A desaparece na linguagem coloquial?
 - f) qual verbo que seleciona apenas uma preposição?
 - g) No uso coloquial a preposição A é substituída por artigo em qual verbo?

3ª aula - 2 períodos

Assunto: Revisão das relações sintáticas e semânticas das preposições com os termos.

Objetivo Geral: dar continuidade nas descrições sintáticas e semânticas das preposições.

Objetivos específicos:

- retomar os estudos e a prática sobre os usos e as concorrências entre as preposições;
- retomar os estudos e a prática sobre as relações funcionais das preposições.

Recursos Didáticos: texto “*Perdidos na Toscana*” para a atividade prática.

Metodologia: 1º período – 50min. : Revisão de tudo que foi trabalhado nas aulas anteriores, com mais ênfase nos usos das preposições A, EM e PARA nas relações com os termos.

2º período – 45min.: Através do texto que segue abaixo, o professor pode propor à turma, uma leitura atenta e após, uma atividade para retomar os conteúdos trabalhados nas aulas anteriores. Oferecemos um conjunto amplo de questões que podem ser exploradas; mas é claro que o professor terá de fazer uma seleção entre elas.

PERDIDOS NA TOSCANA

1. *Leitores contam como acabaram, sem querer, às portas da propriedade do cantor Andréa Bocelli*

2. Corria o mês de setembro de 2010. De Paris, após as visitas de praxe, aos principais pontos turísticos – 3. túmulo de Napoleão, Torre Eiffel, Louvre, Champs Elisées – viajávamos eu, a esposa Ivone e o filho 4. Eduardo, com destino a Milão, ponto de partida do nosso roteiro pelo interior da Itália. O carro era um 5. Citroën preto alugado, o filho seguia as instruções do GPS e uma voz feminina, nossa secretária eletrônica, 6. indicava as direções previamente programadas.

7. E as cidades iam desfilando e ficando para trás. Roma, o Vaticano e seus pontos, antes religiosos e hoje 8. turísticos na maioria. Veneza, o Palácio dos Doges, a Ponte dos Suspiros, as pombas de São Marcos. Verona 9. e o balcão de Julieta, foto obrigatória para os turistas. Logo, a pequena e medieval Bergamo, na Lombardia e 10. Bolonha, famosa pelos seus vinhos.

11. Noutro determinado dia, corríamos velozmente para o interior italiano, na bela região da Toscana. Súbito, a 12. voz feminina informava estar recalculando o trajeto e o filho concluiu que estávamos em um lugar incerto, 13. encostando o veículo para os devidos ajustes. Enquanto isso eu já preparava a máquina fotográfica para 14. algumas fotos, pois a região da Toscana é lindíssima, um verdadeiro éden terrestre. Minha atenção estava na 15. paisagem. Eu fotografava rolos de feno, comuns nos campos europeus, previsão para alimento do gado nos 16. rigorosos invernos. O filho concentrado no GPS. E os olhos de minha mulher pregados num enorme cartaz, 17. com foto de Andréa Bocelli, cantor italiano que, cego aos 12 anos de idade, jogou para trás o infortúnio e 18. tornou-se um vencedor através da música. Numa plaqueta os dizeres: "TEATRO DEL SILENZIO. 19. PROPRIETÁ PRIVATA. DIVIETO DI ACCESSO.* PRIVATE PROPRIETY. NO ENTRY."** Sim! 20. Estávamos às portas de propriedade rural particular, ponto em que aquele magistral cantor italiano costuma 21. reunir artistas em espetáculos imperdíveis. Um local ermo, em cima de um morro que, num momento mágico 22. enche os ares de sons maravilhosos e vozes divinas. E, apesar das proibições em maiúsculas, subimos a 23. encosta, para uma visão rápida. E, no terreno, enorme armação metálica em forma de estrela, refletindo-se no 24. lago adornado de juncos. Muros formados por pedras enormes, encimados por estátuas coloridas. E nós, que 25. já tivéramos ocasião de assistir a um dos espetáculos de Bocelli, na magia do DVD, sentimos nossa 26. imaginação povoar aquele local com artistas de todos os cantos do mundo, suas belas vozes, acompanhados de 27. temas musicais inesquecíveis.

28. E até hoje, agradecemos a pequenas falhas da nossa secretária eletrônica, nos proporcionando uma visita 29. inesperada e que veio enriquecer sobremaneira nossos conhecimentos de viagens.

* do italiano: Teatro do Silêncio. Propriedade Privada. Acesso proibido.

** do inglês: Propriedade privada.

Alcione Sortica - Caderno Viagem – Zero Hora Virtual – 02/05/2012.

1. Leia novamente o texto acima.

2. Identifique e sublinhe todas as ocorrências de preposições.

3. Responda às seguintes questões: **a)** A preposição **a** em **às** nas linhas 1 e 20 tem relação sintática com quais verbos? **b)** Semanticamente, há diferenças de sentido no uso dessa preposição em relação aos verbos? Se houver, explique essa diferença. **c)** No uso coloquial, no lugar de **às**, você usaria qual preposição? **d)** Na linha 2, as

preposições *de* e *a* (em *aos*) expressam qual sentido na oração? **e**) Sintaticamente, essas preposições são regidas por qual verbo? **f**) Nas linhas 9, 11 e 13, a preposição *para* estabelece que tipo de relação nas orações em que ocorrem? **g**) Há outras ocorrências dessa preposição com o mesmo sentido no texto? Quais? **h**) Na linha 18, essa preposição expressa qual sentido em relação ao verbo? **i**) Na linha 15, a preposição *na* e na linha 17, as preposições *no* e *num* expressam o mesmo tipo de ideia em relação aos seus verbos? Se for o caso, qual é o sentido? **j**) Na linha 18, a preposição *a* (em *aos*) concorreria com qual preposição na linguagem coloquial? **k**) No uso coloquial, o que acontece com as preposições *a* nas linhas 26 com o verbo *assistir* e 27 com o verbo *agradecer*? Comente. **l**) Explique por que o verbo *assistir* seleciona a preposição *A* neste contexto. **m**) No texto há predominância do sentido de posse nos usos da preposição *de*. Cite pelo menos uma ocorrência dessa preposição com outro sentido.

Considerações finais

Entendemos até aqui que a concorrência das preposições *A*, *EM* e *PARA* nos usos dos falantes do PB sempre existiu e sua origem está no passado histórico das preposições e da língua latina. A troca dessas preposições já era fato desde o latim clássico, quando parte da população romana, sem acesso à gramática, tinha dificuldades de usar essas preposições que na língua, ora regiam o caso acusativo, ora o ablativo. Esses usos se intensificaram mais com as mudanças linguísticas na língua, se estendendo do latim (vulgar) às línguas neolatinas, entre elas o português.

Na língua portuguesa, seus usos tiveram direções diferentes: uma minoria de portugueses, mais escolarizada, provavelmente passou a adotar o uso "racionalizado" pregado pela norma culta, mas a maioria do povo, sem acesso à escola, falava simplesmente o português arcaico derivado do latim vulgar, usando uma mesma preposição em diferentes contextos, conforme acontecia na língua mãe. Parte dessa maioria veio ao Brasil e aqui introduziu essa variação de usos que até hoje encontramos na fala característica dos brasileiros. Hoje temos como consequência desses usos na língua, o desaparecimento da preposição *A*, principalmente na modalidade da fala.

Entendemos também que parte das dificuldades nos usos das preposições pelos falantes do PB pode estar na gramática da própria língua. Conforme vimos, a gramática normativa, trabalhada nas escolas, funciona mais como “manual de boas maneiras para escrever bem”, ou seja, centrado apenas na linguagem escrita. Essa gramática carece de visão mais realista da língua, pois não é possível ensinar nas escolas usos do português clássico que não corresponde à realidade do brasileiro. Mais impossível ainda é insistir que, no uso coloquial, deve-se adotar um uso “correto” que só se ajusta ao uso na linguagem formal.

Também procuramos sintetizar a ótica de gramáticos contemporâneos, que buscam uma descrição gramatical mais eficiente. Os usos das preposições são abordados conforme a realidade atual da língua e são levados em consideração os dois registros, o formal e o informal, do idioma.

Tendo em vista os aspectos históricos e a “pobreza” da gramática normativa, pensamos, sob a ótica dos gramáticos contemporâneos, repensar o ensino das preposições e propor algumas atividades que motivassem os alunos à observação, à pesquisa e à reflexão sobre os usos das preposições no PB, não só na escola, mas também no seu cotidiano. Com isso, acreditamos que a prática contínua proporcionará um comportamento linguístico mais eficiente nas suas interações comunicativas.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de, *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 21ª. ed. São Paulo: Saraiva, 1967.a

_____ *Gramática Latina: Curso único e completo*. 29ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2005.

BAGNO, Marcos, *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2010.

_____ *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2011.

BERLINCK, Rosane de Andrade, *Sobre realização do objeto indireto no português no Brasil*. Comunicação no II Encontro Círculo de Estudos Linguísticos do Sul, Florianópolis, 1997.

_____ *Brazilian Portuguese VS order: a diachronic analysis*. Em KATO e NEGRÃO (eds. 2000:175-194).

_____ *Complementos preposicionados: variação e mudança no Português Brasileiro* (2000b).

CASTILHO, Ataliba Teixeira de, *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

COUTINHO, Ismael, *Gramática Histórica*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Livraria Acadêmica, 1969.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2010.

HOUAISS, Antônio, *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha, *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 36. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1998.

NEVES, Maria Helena de Moura, *Gramática de Usos do Português*. 2ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

VALENTE, Milton, *Gramática Latina*. 77ª ed. Porto Alegre: Editora Livraria Selbach, 1952.